

LINGUAGEM,
COGNIÇÃO
E CULTURA

ESTUDOS EM
INTERFACE

Série Ideias Sobre Linguagem

Conselho editorial

Antónia Coutinho

(Universidade Nova de Lisboa)

Ecaterina Bulea

(Université de Genève)

Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin

(Universidade Federal do Ceará)

Juliana Alves Assis

(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Jane Quintiliano Guimarães Silva

(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Lesley Bartlett

(Columbia University)

Manoel Luiz Gonçalves Corrêa

(Universidade de São Paulo)

Maria Angela Paulino Teixeira Lopes

(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Sandra Cavalcante
Rosângela Gabriel
Heronides Moura
(organizadores)

LINGUAGEM,
COGNIÇÃO
E CULTURA

ESTUDOS EM
INTERFACE

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Linguagem, cognição e cultura : estudos em interface
/ organização Sandra Cavalcante , Rosângela Gabriel ,
Heronides Moura. -- 1. ed. -- Campinas, SP : Mercado de
Letras, 2020. -- (*Ideias Sobre Linguagem*)

ISBN 978-65-86089-47-9

1. Cognição 2. Cultura 3. Educação 4. Linguagem I.
Cavalcante, Sandra. II. Gabriel, Rosângela. III. Moura,
Heronides. IV. Série.

20-53130

CDD-371.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação : Linguagem : Aprendizagem :
Educação inclusiva 371.9

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

revisão textual: Celso Fraga da Fonseca

revisão editorial: Mercado de Letras

bibliotecária: Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

apoio institucional

CAPES

PPG/Letras PUCMinas

Grupo de Trabalho Linguística
e Cognição da Anpoll

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 1

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

- Apresentação
DIÁLOGOS IMPRESCINDÍVEIS ENTRE PESQUISA
LINGUÍSTICA, COGNIÇÃO E CULTURA 9
1. LINGUÍSTICA COGNITIVA E TECNOLOGIA: O APORTE
METODOLÓGICO DA LINGUÍSTICA DE BASE EMPÍRICA 23
Heliana Mello
2. DILEMAS E DICOTOMIAS: EVENTOS
FÍSICOS E EVENTOS MENTAIS 45
Hugo Mari
3. DESCREVENDO ESPORTES EM UM DICIONÁRIO BASEADO
EM *FRAMES*: O CASO DA REDAÇÃO DAS SUPERGLOSAS
NO DICIONÁRIO PARAOLÍMPICO 73
*Larissa Moreira Brangel, Ana Flávia Souto de Oliveira e
Rove Chishman*
4. “DO INÍCIO AO FIM”: MULTIMODALIDADE VARIÁVEL EM
CONSTRUÇÕES COMO CATEGORIAS DE PROTÓTIPOS 97
Alan Cienki e Agni Veatriki Stanopoulou

5. DIÁLOGOS IMPRESCINDÍVEIS: METÁFORA, COGNIÇÃO E LETRAMENTO LITERÁRIO. 127
Mara Sophia Zanotto
6. PONTO DE VISTA E (INTER)SUBJETIVIDADE: FRAMES ALTERNATIVOS EM “GOSTO” E “SABOR” 157
Lilian Ferrari
7. COMO A LEITURA AFETA NOSSO CÉREBRO, PENSAMENTO E INSTITUIÇÕES SOCIAIS? 181
Rosângela Gabriel
8. VISÃO DE MUNDO E O MUNDO DA VISÃO: FOTOGRAFANDO (OS) SENTIDOS QUE ESCREVEM E LEEM O MUNDO (FICCIONAL) 211
Márcia Marques de Moraes e Tháís Rocha Tavares
9. INTERSUBJETIVIDADE ENTRE A SINGULARIDADE E A EMPATIA 235
Ana Margarida Abrantes
10. NOVAS (INTER)SUBJETIVIDADES, PONTOS DE VISTA E EMOÇÕES EM PRÁTICAS DISCURSIVAS DE MIGRANTES. 261
Sandra Cavalcante
11. “MORAL DA HISTÓRIA”: MACROMAPEAMENTOS COGNITIVODISCURSIVOS COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA. 291
Solange Vereza
12. DOS GESTOS ÀS LÍNGUAS DE SINAIS: DISTINÇÕES E CORRESPONDÊNCIAS ENTRE GESTOS ESPONTÂNEOS, GESTOS RECORRENTES, FAMÍLIAS GESTUAIS, GESTOS EMBLEMÁTICOS, E SINAIS 319
Máira Avelar, Adriana Fernandes Barbosa e Beatriz Graça

13.	A CONSTRUÇÃO DE UMA INTERFACE ENTRE PERSPECTIVAS NEUROLINGÜÍSTICAS E SOCIOCOGNITIVAS: CONTRIBUIÇÕES DO GRUPO DE PESQUISA COGITES (COGNIÇÃO, INTERAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO)	345
	<i>Edwiges Maria Morato</i>	
14.	POLÍTICA, LINGUAGEM E COGNIÇÃO	373
	<i>Margarida Salomão</i>	
15.	A CORRUPÇÃO EM DOIS TEMPOS: METÁFORAS SOBRE CORRUPÇÃO NOS SERMÕES DE VIEIRA E EM TEXTOS JORNALÍSTICOS CONTEMPORÂNEOS	403
	<i>Heronides Moura</i>	
16.	RUMO A UMA SEMIÓTICA PLANETÁRIA	427
	<i>Per Aage Brandt</i>	
	SOBRE OS AUTORES	455

Apresentação

DIÁLOGOS IMPRESCINDÍVEIS ENTRE PESQUISA LINGUÍSTICA, COGNIÇÃO E CULTURA

Este livro, por sua diversidade de temas e abordagens, é uma importante contribuição para os estudos de Linguística Cognitiva no Brasil. Os capítulos aqui reunidos mostram que uma das características da Linguística Cognitiva é a constante reelaboração de seus fundamentos teóricos e metodológicos. Este *work in progress* se dá por duas razões. Em primeiro lugar, a Linguística Cognitiva não assenta sobre um conjunto fechado de premissas teóricas e metodológicas. Trata-se, antes, de uma perspectiva de pesquisa, abarcando uma rede bastante variada de abordagens. Em segundo lugar, a Linguística Cognitiva está interessada no conhecimento do mundo propiciado pela linguagem. Nisso, aliás, ela se diferencia da Gramática Gerativa, que também é uma teoria cognitiva da linguagem, mas cuja indagação principal é sobre nosso conhecimento sobre a língua e não sobre nosso conhecimento sobre o mundo (Geeraerts e Cuyckens 2015, p. 5). Essa diferença de objeto resulta em metodologias também muito distintas: o conhecimento da língua como um sistema autônomo de regras (como é o caso da Gerativa) pressupõe um objeto muito mais estável e apreensível por introspecção.

Já no caso do conhecimento do mundo por meio da linguagem, temos um objeto de pesquisa muito menos estável e com uma margem de flutuação muito grande. Fatores sociais e interacionais de extrema variação interferem neste produto instável que é nosso conhecimento do mundo. Em função disso, os capítulos aqui reunidos apresentam uma grande variação metodológica. Ainda assim, é possível identificar uma tendência a considerar dados obtidos em situações concretas de uso como o melhor meio para a apreensão das formas linguisticamente constituídas de conhecimento do mundo.

Essa perspectiva da língua em uso implica considerar que o sistema linguístico está sujeito a forças contextuais variadas e que o sistema linguístico (que possibilita nosso conhecimento do mundo) está em permanente mudança: “uma vez que estamos assumindo que mesmo o sistema individual é dinâmico e mutante, mudanças tanto em larga escala quanto em escala estreita apontam para as habilidades de processamento acionadas na língua em uso” (Bybee 2016, p. 30). Sendo assim, é de se prever que diferentes metodologias são plausíveis, nessa tentativa de apreender como nosso conhecimento do mundo se constitui, a partir da linguagem.

O capítulo de Heliana Mello, intitulado “Linguística Cognitiva e tecnologia: o aporte metodológico da linguística de base empírica”, aborda diretamente essa questão metodológica. A autora defende que a Linguística Cognitiva se baseia no pressuposto de que a aquisição linguística se dá “a partir do uso e da rotinização de construtos linguísticos”. Ou seja, ao contrário da tradição gerativista, a Linguística Cognitiva se baseia na ideia de que os padrões linguísticos emergem a partir do uso. Esse papel do uso fica claro na conhecida asserção de Langacker (1987, p. 100) de que “um evento [...] se torna mais e mais entrincheirado através da repetição”.¹ Isso não implica, por outro lado, que metodologias dedutivas estejam excluídas e não

1. Tradução de Heliana Mello.

possam conviver com métodos de análise mais indutivos, no âmbito da Linguística Cognitiva. O capítulo apresenta uma descrição muito pertinente e rica da relação entre linguística de *corpus* e Linguística Cognitiva, mostrando a evolução das pesquisas na área. A autora tenta mostrar as diferentes vantagens que metodologias da linguística de *corpus* podem apresentar para a prática da Linguística Cognitiva baseada no uso.

O capítulo de Hugo Mari, intitulado “Dilemas e dicotomias: eventos físicos e eventos mentais”, também se defronta com uma questão metodológica importante, sob um viés mais teórico. O autor mostra a fragilidade de dicotomias clássicas como “espacialidade do corpo x não espacialidade da mente; publicização do corpo x privacidade da mente; externalidade do corpo x internalidade da mente”. De fato, tais dicotomias se dissolvem no âmbito da Linguística Cognitiva. Por exemplo, não faz sentido supor a existência de uma mente privada e interna, já que, na Linguística Cognitiva, a cognição é essencialmente social, ou seja, voltada para fora e não para dentro da mente.

Depois de revisar a literatura sobre a relação entre corpo e mente, o autor considera que “questões da mente continuam mantendo muitas dificuldades explanatórias, seja na sua correlação com eventos físicos, seja nos seus fundamentos de ordem neurofisiológica”. De fato, continua sendo um desafio para a Linguística Cognitiva definir as bases neurofisiológicas da cognição, de modo a se obter uma superação mais consistente da dicotomia entre mente e corpo. A hipótese da mente corporificada constitui solução plausível para a dicotomia, mas o autor mostra que ainda persistem questões em aberto.

A questão metodológica também está presente no capítulo de Larissa Moreira Brangel, Ana Flávia Souto de Oliveira e Rove Chishman, intitulado “Descrevendo esportes em um dicionário baseado em *frames*: o caso da redação das superglosas no Dicionário Paraolímpico”. A partir de um problema prático (a redação de superglosas em um dicionário virtual especializado), as autoras se

veem na situação típica de linguistas cognitivos, ao tentar sistematizar conhecimento de mundo por meio da linguagem. Em virtude das dificuldades técnicas apresentadas, a elaboração do dicionário exigiu que a metodologia fosse “desenvolvida de maneira concomitante ao processo de compilação do dicionário”.

Esse capítulo mostra como, mesmo para a solução de questões de cunho lexicográfico e voltadas para um produto, a combinação de reflexões metodológicas e de formatação dos dados é um elemento essencial na prática da Linguística Cognitiva, pois é sempre preciso avaliar e elaborar o que de fato constitui o conhecimento do mundo, em contextos específicos. A resposta adequada só pode surgir se as perguntas corretas forem bem formuladas.

A questão metodológica é também central no capítulo “‘Do início ao fim’: Multimodalidade variável em construções como categorias de protótipos”, de Alan Cienki e Agni Veatriki Stanopoulou. O capítulo inédito, escrito para ser publicado nesta obra, foi traduzido por Maíra Avelar (coordenadora e responsável pelas notas técnicas inseridas no texto), Beatriz Graça, André Lisboa e Hayat Pinheiro, integrantes do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da UESB. O texto mostra como a multimodalidade tem sido incorporada aos estudos no campo da Linguística Cognitiva. Multimodalidade é definida como “[o] uso de mais de uma modalidade de percepção sensorial”.

O problema metodológico encontrado pelos autores é o seguinte: como descrever construções multimodais (com linguagem verbal e linguagem gestual), se a ocorrência dos gestos não é regular e sistemática? Como dizem os autores, “algumas construções envolvem gestos como um elemento absolutamente necessário, enquanto outras envolvem gestos como um elemento *mais* necessário e, ainda, outras, como um elemento *menos* necessário”.

Dado que uma construção é um pareamento de forma e sentido, como lidar com construções multimodais, quando um dos elementos formais (o gesto) pode ou não estar presente? A solução encontrada pelos autores é

propor *construções multimodais variáveis*. Definindo as construções multimodais em termos de protótipos, os autores conseguem explicar por que certas características (por exemplo, os gestos) variam em termos de frequência de instanciação. Esse capítulo se defronta com a mesma questão metodológica que aparece também em outros capítulos desta coletânea. A questão de fundo a ser enfrentada é a seguinte: como sistematizar e representar o conhecimento do mundo construído pela linguagem, se as formas linguísticas são variáveis e dependentes do contexto?

Mais especificamente, Alan Cienki e Agni Veatriki Stanopoulou tratam a construção 'do início ao fim' como um caso de construção multimodal variável, com algumas características mais prototípicas e outras mais periféricas. Uma conclusão de caráter mais geral do capítulo é que a definição de uma construção como multimodal é uma questão de grau, dada a enorme variação de coocorrência entre linguagem verbal e linguagem não verbal nos diferentes enunciados.

No capítulo "Diálogos imprescindíveis: metáfora, cognição e letramento literário", Mara Sophia Zanotto também se defronta com a questão de encontrar a metodologia mais adequada aos dados, na perspectiva da Linguística Cognitiva. Para dar conta da leitura de poemas por alunos de graduação, em sala de aula, a autora revisita os postulados do cognitivismo em relação ao processamento da leitura. Ela mostra que os modelos de leitura ascendente (*bottom-up*) eram a abordagem dominante na década de 1960 e que esse modelo de leitura, com ênfase no texto, repercute até hoje na prática escolar.

Em contraposição a modelos ascendentes, foram propostos modelos descendentes (*top-down*). Nesse tipo de abordagem, o leitor ganha mais relevância, pois seu conhecimento prévio do mundo e sua construção de hipóteses guiam e auxiliam no processo de leitura. Como o conhecimento do mundo é organizado em *frames*, os estudos

sobre o processamento da leitura passaram a convergir com os estudos da Linguística Cognitiva.

O capítulo de Mara Zanotto mostra como o processo inferencial dos leitores, em especial por meio de inferências metonímicas, ajuda na “busca do *frame* e do contexto real do poema, assim como do processo da resolução das incongruências e das lacunas do texto”. Ou seja, processos inferenciais permitem dar sentido ao poema lido, construindo o conhecimento do mundo por meio da linguagem.

O papel dos *frames* na organização de nosso conhecimento do mundo é também central no capítulo “Ponto de vista e (inter)subjetividade: *frames* alternativos em ‘gosto’ e ‘sabor’”, de Lilian Ferrari. Esse capítulo mostra que diferentes palavras, embora aparentemente sinônimas, distinguem-se por apresentarem pontos de vista distintos sobre uma mesma cena. Ou seja, as palavras e construções não têm a função de representar os fatos de forma neutra e objetiva, mas, na verdade, configuram diferentes perspectivas. São essas perspectivas as responsáveis pela estruturação do conhecimento do mundo, e não os fatos em si.

Assim, o conhecimento do mundo está estruturado com base no conceito de *construal*, “que indica modos alternativos de conceptualização de uma determinada cena, envolvendo, como um de seus parâmetros, os conceitos de objetividade, subjetividade e intersubjetividade”. O capítulo de Lilian Ferrari mostra como essa incorporação da subjetividade na linguagem pode ser observada na oposição entre duas palavras aparentemente sinônimas (*gosto* e *sabor*), mas que, na verdade, evocam *frames* distintos. Na análise da autora, a palavra “*sabor* estabelece um *construal* mais objetivo, já que destaca a composição da substância em si [...] enquanto *gosto* estabelece um *construal* mais subjetivo”.

No capítulo “Como a leitura afeta nosso cérebro, pensamento e instituições sociais?”, Rosângela Gabriel tenta mostrar que processos de leitura e escrita mantêm

vínculos profundos com a cognição humana. Por um lado, os processos de leitura e escrita são herdeiros de características da linguagem natural, ou seja, tais processos emergem com base em atividades sociocomunicativas e interacionais. Por outro, eles afetam a cognição humana. Nessa perspectiva, a autora define a escrita e a leitura como “invenções culturais [que] moldam cognitivamente os seres humanos, graças a processos complexos decorrentes da plasticidade cerebral”.

O capítulo mostra as diferentes maneiras pelas quais a leitura (em especial, em sistemas alfabéticos) molda a nossa cognição. Um primeiro efeito da aprendizagem da leitura alfabética a ser notado é a consciência fonológica, que possibilita a identificação de fonemas no fluxo da linguagem oral. Ou seja, a aquisição da escrita permite aos que dominam essa tecnologia fazer recortes dentro da linguagem que são dificilmente acessíveis aos que não são alfabetizados.

Esse tipo de ‘reciclagem’ da cognição pôde ser evidenciado pela hipótese da reciclagem neuronal (Dehaene e Cohen 2007), que se baseia na ideia de que tecnologias da cultura humana, como a leitura e a aritmética, são mapeadas a nível cortical. Outro efeito notável da aquisição da escrita sobre a cognição é o incremento da capacidade da memória humana (Frith 1998). Como essas modificações cognitivas, entre outras, acarretam vantagens sociais significativas para os que dominam os processos de leitura e escrita, Rosângela Gabriel mostra que é preciso desenvolver pesquisas e estimular práticas que favoreçam a aquisição dessas habilidades. Ilustrando essa direção de investigação, a autora apresenta vários projetos já desenvolvidos por seu grupo de pesquisa.

O capítulo de autoria de Márcia Marques de Moraes e Thaís Rocha Tavares, intitulado “Visão de mundo e o mundo da visão: fotografando (os) sentidos que escrevem e leem o mundo (ficcional)”, reporta-se a um debate ocorrido com o escritor Cristovão Tezza, durante a *IX Conferência Linguística e Cognição: diálogos imprescindíveis*. Com base nesse debate, as autoras refletem sobre a fragmentação da

percepção do mundo por parte dos personagens do romance *O Fotógrafo*, de Cristovão Tezza, além de examinar também outros romances desse autor.

A escrita ficcional tenta mimetizar essa percepção fragmentada da realidade, de modo que a ficção busca “encenar *as formas* como a mente (*des*)organiza a vida cotidiana; para Tezza, trata-se de (dos) ‘modos de percepção da realidade’ (Tezza 2012, p. 36)”. As autoras mostram que a dificuldade (e riqueza) do mundo ficcional é tentar articular as diferentes percepções fragmentadas dos personagens em um todo único e dotado de significado. A ficção mostra de forma clara que o conhecimento do mundo é sempre instável e flutuante.

Ana Margarida Abrantes, no capítulo “Intersubjetividade entre a singularidade e a empatia”, chama a atenção para a arte e a literatura como espaços onde a preferência pelo que é semelhante a nós e os códigos culturais que orientam a nossa empatia são postos em evidência ou mesmo subvertidos. A autora revisita premissas das ciências cognitivas, tais como a dimensão subjetiva, em primeira pessoa, a dimensão intersubjetiva, de como as mentes se moldam em interação, e a dimensão cultural, de intencionalidades partilhadas.

Para aprofundar a reflexão sobre empatia, Abrantes retoma conceitos como teoria da mente, ou seja, a simulação que fazemos dos estados mentais e das intencionalidades de nossos coespecíficos, bem como a descoberta dos neurônios-espelho como possível lócus do sentimento empático. A intersubjetividade e o conceito relacionado de empatia se tornam foco de atenção das ciências cognitivas, em diálogo com a filosofia e a arte, em que se inclui a literatura. A imaginação flexibiliza o olhar e ajuda a ver outras perspectivas, possibilitando uma tomada de partido diferente. De acordo com a autora, numa época marcada por tantos conflitos, a urgência da convivialidade como contrapeso pode ajudar a contar a história de outra forma.

A dimensão da (inter)subjetividade da cognição (e da linguagem) humana e sua indissociabilidade das emoções é

também o tema do capítulo de Sandra Cavalcante. Ancorada na tese da ação conjunta como aspecto estruturador da cognição social humana, Cavalcante apresenta uma experiência de extensão universitária, realizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil), junto a cidadãos que deixaram seus países de origem (Haiti, Venezuela, Síria, Colômbia, Congo, Senegal, Gana, Guiné-Bissau) para morar no Brasil. Por meio de entrevistas, os pesquisadores buscam desvendar a percepção dos sujeitos entrevistados sobre o Brasil, sobre suas emoções, relativamente à distância do país natal e aos sonhos que trouxeram na bagagem.

A experiência da migração fomenta a construção de novas intersubjetividades, de novos projetos de vida, de novos objetivos sociais e culturais. O exercício de narrar-se auxilia na construção de versões do “eu” e do “outro”, de versões do país de origem e do de chegada, de versões do presente, do passado e do futuro. De acordo com Cavalcante, essa construção de novas intersubjetividades pressupõe a partilha empática. À medida que a natureza dessa dinâmica é reconhecida, pode-se contribuir para o desenvolvimento de habilidades sociocognitivas e discursivas que, para além da natural projeção de uma comunidade imaginada, permitam a construção de mecanismos de integração social protagonista e emancipatória, em concretas comunidades de pertencimento.

O capítulo proposto por Solange Vereza trata de macromapeamentos cognitivo-discursivos, instância que tem como base projeções cognitivas, de natureza “interdomínio”, consideradas como similares à metáfora, e que desempenham papel argumentativo no discurso. Intitulado “‘Moral da história’: macromapeamentos cognitivo-discursivos como estratégia argumentativa”, o texto advoga a permanente articulação entre essas duas dimensões da metáfora. Como exemplos de nichos metafóricos, a autora propõe a análise de parábolas e de alegorias, explicitando seu viés argumentativo e

demonstrando a riqueza do pensamento analógico e como ele é usado na argumentação.

As pesquisadoras Maíra Avelar, Adriana Fernandes Barbosa e Beatriz Graça propõem-se a investigar o gesto como enunciado de expressividade deliberada em uma linguagem de natureza inerentemente multimodal, baseada no uso. No capítulo “Dos gestos às línguas de sinais: distinções e correspondências entre gestos espontâneos, gestos recorrentes, famílias gestuais, gestos emblemáticos, e sinais”, as autoras adotam o grau de convencionalização e as funções linguísticas e comunicativas que desempenham como elementos para a distinção. As autoras argumentam que os gestos podem ser agrupados em Famílias Gestuais, que compartilham características de forma, bem como possuem um núcleo semântico comum. Essa possibilidade é ilustrada a partir de exemplos do português brasileiro, sustentando a proposta de uma gramática de gestos que podem, em determinadas circunstâncias, tornar-se estruturas semânticas lexicalizadas ou mesmo gramaticalizadas. Nessa proposta, o pareamento forma-sentido, motivador dos agrupamentos de gesto, poderia dar origem a repertórios relativos a línguas e culturas específicas.

A multimodalidade característica da comunicação humana é também um dos elementos investigados pelo grupo de pesquisa COGITES, liderado pela pesquisadora Edwiges Morato. Em seu capítulo, intitulado “A construção de uma interface entre perspectivas neurolinguísticas e sociocognitivas: contribuições do grupo de pesquisa COGITES (cognição, interação e significação)”, Morato apresenta as contribuições das pesquisas desenvolvidas ao longo dos últimos 20 anos. A construção da interface entre perspectivas neurolinguísticas e sociocognitivas parte da premissa de que as práticas linguísticas e interacionais podem ser vistas como lócus de grande importância para a observação de uma relação mutuamente constitutiva entre conceptualização e interação, entre linguagem e outros processos cognitivos.

De acordo com Morato, a interação face a face salienta a coexistência de processos verbais e não verbais que não podem ficar sob a responsabilidade de um interagente. Nas pesquisas desenvolvidas no Centro de Convivência de Afásicos e nos projetos envolvendo pacientes com diagnóstico de doença de Alzheimer, nem sempre as dificuldades ou percalços podem ser creditados exclusivamente à carência (meta)linguística ou (meta) cognitiva. Assim, a observação desses dois contextos torna-se relevante para entender não apenas os limites da dicotomia linguístico x cognitivo, como também o papel organizador exercido pela linguagem, pela interação e pelos enquadres sociocognitivos na competência discursivo-cognitiva de indivíduos diagnosticados. Ao descrever o percurso traçado pelo grupo de pesquisa, a autora salienta o imprescindível esforço conjunto em torno do desafio que é o estudo das relações entre linguagem e cognição.

Margarida Salomão acrescenta à dicotomia linguagem e cognição um terceiro elemento. Em seu capítulo, intitulado “Política, linguagem e cognição”, retoma a relação entre Retórica e Política, desde a dissensão entre Platão e os pré-socráticos, passando pelo impacto político dos meios de comunicação ao longo do século XX, para abordar o tema das TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação, no século XXI. Ao revisitar metáforas positivamente associadas à lógica legitimadora da expansão capitalista proporcionada pelas novas tecnologias, Salomão contrapõe as novas formas de escravidão dos “empreendedores”, que têm a liberdade de trabalhar sete dias por semana, 24h por dia, ao longo de toda a vida. Esse paradoxo fica ainda mais evidente em 2020, no contexto da pandemia de Covid-19, que acelerou processos já em andamento na sociedade cibernética.

Em paralelo à gratuidade do acesso a serviços e aplicativos disponíveis na internet, Salomão chama a atenção para uma intensa indústria de obtenção e manipulação de dados dos usuários, não apenas de cunho civil (endereços, faixa de renda etc.), mas também de

perfil psicológico, emocional, político, como ilustrado no cinema por *The Great Hack* ou *The Social Dilemma*. Os Termos de Uso de aplicativos, que ninguém se dedica a ler e compreender, e que são rapidamente aceitos para que o usuário tenha acesso ao serviço, acabam se configurando em uma aceitação tácita à expropriação de dados.

Nesse contexto, as ciências cognitivas têm importantes contribuições a trazer. Ao analisar as bases filo e ontogenéticas da comunicação humana, da linguagem verbal e da cooperação entre os indivíduos da espécie, a concepção de uma intencionalidade coletiva concebe o pensamento humano como um processo coletivo, objetivo, reflexivo e normativo, que se desenvolve em um nicho cognitivo interacional, que permite imaginar uma pluralidade sem fim de espaços mentais. A essa sempre aberta possibilidade de contraditar notícias falsas e manipulação de pessoas e afetos, Salomão credita a lição da resistência que vem dos estudos linguísticos e da capacidade humana de reinvestimentos semânticos inesperados.

O capítulo “A corrupção em dois tempos: metáforas sobre corrupção nos sermões de Vieira e em textos jornalísticos contemporâneos”, de Heronides Moura, exemplifica, em certa medida, a pluralidade sem fim de criação de espaços mentais ao analisar dois *corpora* temporalmente distantes (mais de três séculos), aproximados por metáforas sobre corrupção política. O primeiro *corpus* é composto por *Os Sermões*, do Padre Antônio Vieira (1608-1697), e o segundo, pelo *Jornal Folha de S.Paulo*, no período de 2012 a 2017, disponível de forma aberta no Google.

De acordo com Moura, a comparação das metáforas contemporâneas com as de Vieira lança luz sobre a uniformidade das metáforas encontradas na *Folha de S.Paulo*. Enquanto em Vieira a corrupção é vista como um conjunto de atos pontuais, individuais, concretos e de natureza corporal, apresentados no aspecto verbal perfectivo, nos textos da *Folha de S.Paulo*, a corrupção é percebida como um

fenômeno de natureza geral, não individualizado, uma força impessoal quase abstrata, que ocorre num presente eterno, repetitivo e incremental, de aspecto verbal imperfectivo.

Moura parte da premissa de que o uso de metáforas serve para reforçar modelos culturais subjacentes. Se a corrupção política é vista como uma questão de ordem moral e individual, como em Vieira, na democracia contemporânea, a corrupção é percebida como inerente ao tecido social, especialmente no serviço público e na política, e nos países com instituições democráticas menos sólidas. Essas diferentes concepções geram reações diversas e distintas possibilidades de enfrentamento. Para aprofundar o tema, o autor retoma a hipótese de Sapir-Whorf para compreensão do uso da metáfora, analisando exemplos dos dois *corpora*, contribuindo, dessa forma, com a discussão de natureza sociocognitiva implicada na produção de conhecimento na contemporaneidade, em perspectiva convergente com a de Salomão.

A dimensão política da linguagem e da cognição humana também está presente no capítulo “Rumo a uma semiótica planetária”, de Per Aage Brandt. A tradução do texto inédito, *Towards a planetary semiotics*, realizada pelo grupo de Estudos em Linguagem e Cognição (Elinc), do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, é assinada por Catarina Valle e Flister e Túlio Souza Vieira, sob a supervisão técnica de Josiane Andrade Militão e Sandra Cavalcante. Nele, Brandt define significado como aquilo que emerge quando criaturas pensantes estabelecem distinções. O autor postula a possibilidade de uma perspectiva semiótica ecológica e planetária, em três níveis: o orgânico (existencial e afetivo, motivado por humores, emoções e paixões); o político (epistêmico, orientado pela verdade e focado em possibilidades) e o simbólico (performativo, baseado no poder e no comando).

De acordo com Brandt, a Semiótica, na tradição linguística, é orientada ao conteúdo e, com a adição de uma perspectiva cognitiva, aberta à dimensão biológica, uma vez que o significado é uma questão de mentes e cérebros. A

produção de sentido humana inclui a imaginação cogitativa, não apenas a busca e o conhecimento de fatos (icônicos) e o decreto de ordens (simbólicas) ou sua obediência, uma vez que as mentes são capazes de transcender seu nicho bioambiental e compreender horizontes mais amplos, incluindo problemas que assombram o nicho de todos os nichos, o planeta.

Desejamos que o passeio pelos capítulos que compõem esta obra tenha dado uma dimensão da diversidade e da profundidade dos temas investigados por grupos de pesquisa que se identificam com os estudos linguísticos em dimensão cognitiva e sociocultural.

Os organizadores

Referências

- BYBEE, Joan (2016). *Língua, uso e cognição*. São Paulo, Cortez.
- DEHAENE, Stanislas e COHEN, Laurent (2007). "Cultural recycling of cortical maps." *Neuron*, vol. 56, pp. 384-398.
- FRITH, Uta (1998). "Editorial: Literally changing the brain." *Brain*, vol. 121, n° 6, pp. 1011-1012.
- GEERAERTS, Dirk e CUYCKENS, Hubert (2015). "Introducing Cognitive Linguistics", in: GEERAERTS, Dirk e CUYCKENS, Hubert (eds.) *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, pp. 3-22.
- LANGACKER, Ronald W. (1987). *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press. vol. 1.
- TEZZA, Cristovão (2012). *O espírito da prosa: uma autobiografia literária*. Rio de Janeiro: Record.